



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – EAD**

KELLY PALOMA NUNES BRITO

**PONTOS TURÍSTICOS-CULTURAIS DE TABIRA-PE PARA AULAS DE
CAMPO DE GEOGRAFIA: PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA NAS TURMAS DO 6º ANO**

Recife

2022

KELLY PALOMA NUNES BRITO

**PONTOS TURÍSTICOS-CULTURAIS DE TABIRA-PE PARA AULAS DE
CAMPO DE GEOGRAFIA: PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA NAS TURMAS DO 6º ANO**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Brito, Kelly Paloma Nunes.

Pontos turísticos-culturais de Tabira-PE para aulas de campo de geografia:
propostas para uma educação contextualizada nas turmas do 6º ano / Kelly
Paloma Nunes Brito. - Recife, 2022.

43 p. : il.

Orientador(a): Caio Augusto Amorim Maciel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Licenciatura, 2022.

1. Aulas de Campo. 2. Tabira. 3. Educação Contextualizada. 4. Ensino
Fundamental. I. Maciel, Caio Augusto Amorim. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

KELLY PALOMA NUNES BRITO

**PONTOS TURÍSTICOS-CULTURAIS DE TABIRA-PE PARA AULAS DE
CAMPO DE GEOGRAFIA: PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA NAS TURMAS DO 6º ANO**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Recife 24/10/2022

Banca examinadora:

Orientador(a) Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Examinador(a): Prof. Me. David Tavares Barbosa

Examinador(a): Prof. Me. Pedro Paulo Pinto Maia Filho

Dedico este trabalho aos meus amigos, familiares e profissionais da educação que depositaram em mim a confiança de um trabalho tão essencial para os dias atuais, que este venha a contribuir para uma sociedade mais focada em questões ambientais.

AGRADECIMENTOS

Deus é o principal motivo de meus votos de agradecimento, por me manter forte física e espiritualmente e me proporcionar muitos aprendizados, também por colocar em meu caminho pessoas que contribuíram para meu crescimento como pessoa e como estudante. A meus pais, José Ivanildo e Telma Luciana, minha eterna gratidão pelos cuidados ao longo desses anos, pelo incentivo, por nunca ter me deixado faltar nada, pelo acolhimento e pelo amor de sempre; amo-os mais que tudo.

Dedico também aos meus irmãos Sidney e Jakeline pelo companheirismo, pela irmandade e pelas lembranças que estamos tecendo desde o berço, todo meu amor a vocês. A meu namorado Paulo, pelo incentivo, pela ajuda direta e indireta na construção deste projeto e por todo carinho a mim destinado, amo você.

Não poderia deixar de agradecer meu Orientador Dr. Caio Augusto Amorim Maciel pela paciência e pelo auxílio para que este projeto se tornasse possível, sua inteligência e assistência foram de extrema importância em todas as etapas, externo aqui minha gratidão.

Agradeço também o Polo Maria Celeste Vidal por nos dar, a mim e aos meus colegas, a oportunidade de crescermos e expandir nossos conhecimentos e também ao apoio dos tutores e professores do curso que, sem dúvidas, nos transmitiu seus conhecimentos e nos proporcionou aprendizados que vamos levar por toda a vida.

Mais um ciclo se encerra, o curso foi uma conquista e uma porta para novas oportunidades... que nunca deixemos de sonhar, de evoluir e de contribuir para um mundo melhor e mais equitativo.

“A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo.”

(SANTOS, 1998, p. 168)

RESUMO

No atual cenário em que se encontra o mundo, é cada vez mais necessário repensar as práticas e buscar meios para uma sociedade mais equitativa e sustentável. Desta maneira, as aulas de campo se constituem como uma via de conhecimento que busca, em sua prática, compreender a geografia enquanto ciência e interdisciplinar. Tendo em vista que é através das aulas de campo que os alunos terão oportunidade de descobrir novos lugares fora do espaço escolar e interagir e inferir no lugar explorado; pesquisa-se sobre alguns pontos turísticos-culturais de Tabira-PE para aulas de campo de geografia, como uma proposta para uma educação contextualizada nas turmas do 6º ano do ensino fundamental, na fomentação de modos transversais de aprendizagem. Para tanto, é necessário observar os aspectos ambientais, culturais, históricos, sociais e econômico dos pontos estudados, analisar os conteúdos auxiliares para a realização das aulas de campo tais como educação ambiental, cartografia e parâmetros curriculares e avaliar a importância das aulas de campo para o ensino-aprendizagem. Realiza-se, então, uma pesquisa qualitativa e exploratória, pois pretende levantar informações e trabalhar a proposta de maneira flexível no planejamento; observando e compreendendo os diversos aspectos do fenômeno estudado e com isso buscar familiarizar-se com o caso explorado através da análise documental, da observação, do registro e do diálogo entre ideias. Diante disso, verifica-se que os conteúdos abordados, os aspectos dos lugares estudados e a importância das aulas de campo para o ensino-aprendizagem abrem possibilidades para uma educação contextualizada e de muitas descobertas na área da geografia.

Palavras-Chave: Aulas de campo; Tabira; Educação Contextualizada; Ensino fundamental.

ABSTRACT

In the current scenario in which the world finds itself, it is increasingly necessary to rethink practices and seek ways for a more equitable and sustainable society. In this way, field classes are constituted as a way of knowing that seeks, in its practice, to understand geography as a science and as an interdisciplinary one. Considering that it is through field classes that students will have the opportunity to discover new places outside the school space and interact and infer in the explored place; five cultural tourist spots in Tabira-PE are researched for geography field classes, as a proposal for a contextualized education in the 6th grade of elementary school, in the fomentation of transversal modes of learning. Therefore, it is necessary to observe the environmental, cultural, historical, social, and economic aspects of the points studied, analyze the auxiliary contents for conducting field classes that have been environmental education, cartography, and curricular parameters, and evaluate the importance of field classes for the teaching-learning. Therefore, qualitative and exploratory research is carried out, as it intends to gather information and work on the proposal in a flexible way in planning; observing, and understanding the various aspects of the phenomenon studied and thus seeking to become familiar with the case explored through document analysis, observation, registration and the dialogue between ideas. Therefore, it appears that the contents approached, the aspects of the places studied, and the importance of field classes for teaching-learning open possibilities for a contextualized education and many discoveries in the area of geography.

Keywords: Field classes; Tabira; Contextualized Education; Elementary School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A PRÁTICA DA AULA DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO	13
1.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEU PAPEL NA AULA DE CAMPO	16
2. MÉTODOS, ESTRATÉGIAS E ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DAS AULAS DE CAMPO	19
2.1 A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES DE GEOGRAFIA PARA AULAS DE CAMPO	21
2.1.1 A cartografia como integradora das aulas de campo	26
3. CONHECENDO O ESPAÇO ESTUDADO	29
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE TABIRA-PE	30
3.1.1 Análise dos pontos turísticos-culturais e sua importância cultural, histórica, social e econômica.....	32
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Diante do mundo globalizado em que vivemos, a disciplina geografia tem o papel de analisar a sociedade, usando como referência os processos que ocorrem entre os grupos e classes e como ela se expressa na natureza a partir de seus interesses e necessidades. Logo, é preciso entender os processos de apropriação da natureza e dos recursos naturais e de que forma estes vieram a transformar o espaço do planeta ao longo dos anos.

Posto isso, para abordar essas temáticas das dinâmicas no espaço social, as aulas de campo surgem como uma estratégia de ensino com muitas possibilidades de aprendizados. Desta maneira, busca-se compreender, nesse projeto, como alguns pontos turísticos-culturais do município Tabira- PE podem vir a promover uma educação contextualizada (ou seja, que levem em consideração a realidade em que os alunos estão inseridos) através das aulas de campo de geografia, destinadas às turmas do 6º ano do Ensino Fundamental (EF). Os lugares foram escolhidos por mim com base na vivência e na familiaridade destes pontos como moradora do município e como geógrafa em formação.

Em análise da temática, nota-se que as aulas de Campo têm a função de despertar a consciência ambiental dos alunos e promover uma aprendizagem a partir dos seus lugares de vivência. Tais aulas possibilitam que os alunos correlacionem os assuntos teóricos aos práticos e atuem como produtores de conhecimento científico, através da observação, do registro e da interação com o objeto ou a área explorada. Deve-se levar em conta, também, os processos que uma aula de campo exige para que se efetive, pois são elementos indispensáveis nesse processo. Isto posto, objetiva-se, nesta pesquisa, identificar e sugerir alguns pontos turísticos-culturais onde possam ser realizados aulas de campo com turmas do 6º ano do EF do município Tabira-PE, e que possibilitem aos alunos a observar os aspectos ambientais, culturais, históricos, sociais e econômicos desses pontos, em consonância com os temas e conteúdos relevantes a fim de que se avalie sua importância para o ensino-aprendizagem na efetivação de uma aula transformadora.

Para se atingir esses objetivos, a metodologia utilizada pretende, em sua elaboração, analisar e sugerir alguns pontos turísticos-culturais do município de Tabira-PE para possíveis aulas de campo; desta maneira ela é voltada para a abordagem de pesquisa qualitativa, descrevendo pontos importantes e compreendendo o espaço pesquisado. Quanto à natureza da

pesquisa, será utilizado o método de pesquisa básico, pois pretende fomentar o conhecimento científico em seu processo, na compreensão de determinados fenômenos naturais.

Desta maneira, o projeto se trata de uma pesquisa exploratória, pois pretende levantar informações e trabalhar a proposta de maneira flexível no planejamento; observando e compreendendo os diversos aspectos do fenômeno estudado e com isso buscar familiarizar-se com o caso explorado. Destarte, o referencial teórico permite um maior aprofundamento na realização da pesquisa, buscando saber como as aulas de campo podem ser trabalhadas em cada um dos locais apontados e quais importâncias têm para o ensino-aprendizagem. Estas aulas podem ser realizadas em dias alternados, levando em consideração que algumas são mais distantes da zona urbana. Os estudos são voltados para as abordagens do Geografia Física e Humana que são mais aprofundadas ao longo dos capítulos.

Os procedimentos que aqui serão tratados, podem ser divididos em quatro: análise documental, observação, registro e diálogo entre ideias. Quanto às etapas, estas serão desenvolvidas em três:

Na primeira etapa, será feita a análise documental e com isso, buscar-se-á compreender a importância das aulas de campo, através dos referenciais teóricos, bem como as contribuições da cartografia e dos parâmetros curriculares e como a educação ambiental poderá, significativamente, aprimorar a percepção dos alunos, através do ensino contextualizado, a fim de que estes se tornem cidadãos conscientes e transformadores do seu meio.

A segunda etapa consistirá na observação dos pontos escolhidos, posteriormente, registrando através de fotografias e anotações, fazendo um levantamento geral sobre a sua geografia e observando seus aspectos ambientais, culturais, históricos, sociais e econômicos e sugerindo quais assuntos podem ser tratados em cada um e com isso fazer todos os registros necessários.

A terceira e última etapa pretende fazer um diálogo de todas as informações obtidas a fim de que se entenda a importância das aulas de campo e a importância dos lugares sugeridos para estas aulas.

No que tange aos capítulos, no primeiro serão tratados os assuntos sobre a prática da aula de campo como estratégia de ensino e qual é o papel da educação ambiental nas aulas de campo. O segundo capítulo apresenta os métodos, estratégias e etapas que são necessários para a realização de uma aula de campo, bem como a importância dos parâmetros curriculares e da cartografia nestas aulas.

O terceiro e último capítulo se desdobra na apresentação do espaço estudado, sua caracterização e por fim a análise dos pontos turísticos para as aulas de campo, a saber:

Cachoeira Maria Mendes, Sítio Arqueológico Poço Escrito, Santuário Paroquial Mãe Rainha e Divina Misericórdia, Curral do Gado e Feira Municipal; todos dentro dos limites do município.

1. A PRÁTICA DA AULA DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Muitas descobertas na área de geografia só foram possíveis através dos trabalhos de campo; deste modo, ele é indispensável para a compreensão dos aspectos geográficos na prática, que nortearão e serão de grande utilidade para a formação dos geógrafos e dos estudantes de geografia. O itinerário da pesquisa de campo vai além da busca pela descoberta; ela possibilita, especialmente durante o período de ano escolar dos alunos, uma relação de companheirismo com os demais colegas e uma íntima ligação com o meio geográfico, tornando evidente o verdadeiro espírito estudantil e a nossa relação intrínseca com a natureza. É, também, por meio da pesquisa de campo que se adquire a disciplina, pois se trata de uma atividade que exigirá pontualidade, noção das trajetórias a serem feitas, questões econômicas como transporte, caso seja necessário, necessidades básicas e empenho no objetivo da realização da pesquisa.

Para muitos estudantes, a experiência do campo de pesquisa se limita ao exercício de reprodução suplementar, com conhecimentos já laborados, sem que estes tenham nenhuma consciência do que teriam que reproduzir, por conta própria, elementos de um novo saber (LACOSTE, 2006). Logo, é necessário transformar as aulas de campo em um verdadeiro meio de se adquirir aprendizados significativos que possam transformar seu meio e conhecê-lo melhor.

Deste modo, o estudante deve ter em mente que isto não trata de uma atividade recreativa, mas séria, avaliativa, enriquecedora e até mesmo de descobertas importantes e inovadoras para área da geografia. Ao estar em contato com o meio geográfico, é importante o analisador ter um conhecimento prévio para que não haja muitas dificuldades durante a realização do trabalho; assim, teoria e método devem estar interligados, servindo um ao outro como base para se atingir o objetivo proposto.

A geografia, enquanto disciplina escolar, tem o papel de assumir uma postura que viabilize a construção e a percepção dos alunos sobre o seu espaço, principalmente quando estes estão inseridos em áreas de fragilidade econômica e social, como é o caso das regiões semiáridas e do município estudado neste projeto (Tabira-PE). Desta maneira, as aulas de campo para o ensino da geografia têm a função de abordar os espaços de vivência dos alunos,

aqui destinados aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental; momento este em que estão no processo de aprimoramento e percepção do mundo. Para ARAÚJO e SANTOS (2020, p.183):

Felizmente, a postura do professor é extremamente significativa para uma mudança social no local em que a escola em que atua fica localizada. Ele assume a função de articulador de ideias, possibilitando aos alunos que se sintam parte integrante de uma realidade social conflituosa, mas cheia de potencialidades e que eles, os alunos, são a chave para essa mudança enquanto agentes de transformação do espaço

Diante disto, o professor tem que procurar sempre meios inovadores e didáticos que auxiliem o desenvolvimento de novas abordagens metodológicas, no fomento do ensino-aprendizagem, utilizando-se de vários recursos como filmes, documentários, músicas etc., que possam motivar o aluno através da inovação; possibilitando um ótimo desenvolvimento em sala de aula e que possa ser aplicado nas aulas de campo, através de outros recursos metodológicos com a finalidade de promover pesquisas e diálogos críticos e reflexivos. Desta forma, ele funciona como uma alternativa inovadora de metodologia, ajudando o aluno a refletir e analisar sobre a geografia que o cerca, desenvolvendo contribuições e intervenções para obtenção de conhecimentos que serão úteis para a sua vida em sociedade. (CORDEIRO E OLIVEIRA, 2011).

Assim, as aulas de campo, quando inseridas e bem trabalhadas, demonstram ser um recurso com importantes contribuições para o conhecimento geográfico e para a valorização da geografia no espaço escolar; desencadeando muitos pontos positivos e uma melhor compreensão do meio circundante, instigando o interesse pela geografia como disciplina e rompendo com a rotina de estudos na utilização de recursos que vão além do livro didático. Esse método é tão benéfico para os alunos quanto para os docentes, pois ambos têm a possibilidade de expandir seus horizontes além dos muros escolares. À luz desse pensamento positivo sobre a geografia, vale ressaltar que como qualquer outra disciplina, ela também traz alguns diálogos conflitantes, em razão da visão distorcida ou mal interpretada que alguns lançam sobre ela. Para ALENTEJANO e ROCHA-LEÃO (2006, p. 64):

Aqueles que vêem a Geografia como mais um instrumento a serviço da acumulação privada de capital ou do controle da sociedade pelo Estado e o capital, com certeza a banalização do trabalho de campo associado à difusão da Geografia do Turismo é um caminho iluminado. Já para aqueles que vêem a Geografia com parte da teoria social crítica, voltada para a transformação da realidade, o trabalho de campo só pode ser

concebido se articulado com a teoria, como instrumento para desvendar os mecanismos de construção da dominação e da exploração.

Entende-se, portanto, que as pesquisas de campo como método de ensino possibilitam muitos benefícios para o mundo ou para a comunidade escolar. Devemos pensar a realidade da geografia nas escolas contemporâneas no atual mundo globalizado em que estamos inseridos; isso significa que muitos professores se deparam com muitas adversidades, tais como baixa remuneração, carência de materiais educativos auxiliares, falta de apoio administrativo, carga horária excessiva etc. Por isso, lecionar nos dias atuais exige muita competência, profissionalismo e vontade de fazer a diferença; e que sejam comprometidos com a educação geográfica em suas mais variadas abordagens.

Sobre isso, CAVALCANTI (2010) expõe que é função da escola, através da geografia, ensinar os alunos a perceber o ambiente físico-natural não somente em sua constituição natural, mas como resultado das relações entre o homem e a natureza em sua construção social e histórica. É necessário entender que um aprendizado eficiente na disciplina de geografia é a principal porta para um estudo proveitoso nas aulas de campo, onde se faz necessário que os estudantes tenham um bom conhecimento prévio antes de partir para uma pesquisa fora da escola, bem como uma relação consolidada em respeito, coleguismo e diálogo de ideias com os demais.

Com isso superado, a ida para aula de campo, realizada nos limites da especialidade dos discentes, permitirá que eles possam contemplar os aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais do lugar estudado; sendo o aspecto cultural o de mais relevância, pois, para a antropologia, a cultura são os hábitos e costumes de uma sociedade que inclui crenças, morais, leis, expressões artísticas, os conhecimentos em geral etc., que foram adquiridos com o passar dos anos. Logo, para as aulas de campo, é preciso que se leve em conta as questões culturais que permeiam a realidade dos discentes.

Para BERQUE (In: CORRÊA; REZENDAHL, 2012, p. 239), a relação da sociedade com a natureza e o espaço, se dá através da paisagem, sendo esta Marca e Matriz; ela é Marca pois expressa determinada civilização e pode ser descrita e inventariada e Matriz, “porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação — ou seja, da cultura — que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem de seu ecúmeno.”. Ou seja, nós inferimos e operamos, mudando a paisagem e as tornando um elemento de nossa cultura, dando-lhes outros significados, logo, através das aulas de campo, é possível analisar essas dinâmicas e buscar respostas para elas.

Para BARBOSA e NETO (2010, p. 177):

[...] É necessário que a aula de campo fomente a construção de uma Geografia viva, na qual as práticas sociais sejam construídas e transformadas, em que tenha a capacidade de problematizar as relações que envolvam natureza e sociedade, construindo um saber geográfico no qual tenha-se a junção dos conhecimentos adquiridos tanto em sala de aula como no campo.

Desta maneira, quando o professor solicitar trabalhos de campos aos seus alunos, estes não só terão conhecimento prévio disto, como também poderão trabalhar as aulas de campo de maneira fácil e estimuladora; lembrando que o roteiro destinado aos alunos do ensino fundamental não deve ter o mesmo peso que um oferecido aos alunos do Ensino Médio ou para universitários. É necessário levar sempre em conta suas capacidades e saberes prévios.

1.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEU PAPEL NA AULA DE CAMPO

Entende-se por educação ambiental (EA) os processos pelo qual o indivíduo, juntamente com a coletividade, busca construir valores sociais, conhecimentos, habilidades, competências e atitudes que visam a conservação do meio ambiente, assim como o bem comum, objetivando a qualidade de vida e as práticas sustentáveis. Dessa maneira, a EA se torna indispensável quando se trata das aulas de campo, momento este em que se articulam e promovem um aprendizado significativo. Essa articulação educativa, feita através de atividades de recuperação, proteção e melhoria das questões socioambientais, potencializam a função pedagógica, que considera a escola como um espaço privilegiado para implementação dessas atividades.

Logo, a educação ambiental, inserida nesse ambiente, deve sensibilizar e direcionar o aluno na busca de valores que o conduzam a uma convivência harmoniosa com o seu meio e as demais dinâmicas que nela existem. Para NARCIZO (2009) a educação ambiental deve ser inserida, inicialmente, no próprio lar familiar e que devem ser mais aprofundados na escola, através das diversas disciplinas, de maneira interdisciplinar; ensinando esses alunos a respeitar e preservar o meio ambiente.

Neste cenário, onde os sistemas sociais trabalham nas promoções de mudanças ambientais, a educação encarrega-se como fator de destaque na construção de fundamentos que visem uma sociedade mais sustentável; assumindo uma dupla função nessa transição para práticas sociais e propiciando mudanças na cultura, em direção à introdução de uma ecologia ética e de mudanças sociais que visam o empoderamento dos agentes, que se encontram em situações de vulnerabilidade frente aos desafios contemporâneos. A utilização de metodologias de abordagem qualitativa possibilita um meio na compreensão do respeito às subjetividades e proporcionam uma interação nos processos de pesquisa.

Desta maneira, a busca pelo conhecimento não se define somente em ações individuais, tampouco nas formas isoladas de uma sociedade em risco, mas no desenvolvimento feito pelos indivíduos em seu dia a dia com saberes já preestabelecidos e baseados na sua cultura; podendo se tornar possível na medida em que estes sujeitos vão se consolidando como agentes de produção da sua realidade, através de ações coletivas que possibilitem que estes ajam e reflitam no seu meio, consolidando uma verdadeira descoberta do conhecimento. (RUSCHEINSKY e COSTA, 2012).

Por esse motivo, a EA tem um papel importante na aula de campo, possibilitando uma estratégia de ensino que substitua a sala de aula por um ambiente com mais possibilidades de exploração, seja ela natural ou não e que propicie o estudo das relações entre o meio natural e o humano, analisando seus aspectos sociais, naturais, culturais, históricos, econômicos dentre outros (DINIZ e VIVEIRO, 2009).

Posto isso, os alunos poderão desenvolver suas percepções sobre o seu meio circundante nas aulas de campo, podendo inferir sobre ele e provocar mudanças significativas, onde o mesmo é concebido como um conjunto de variedades que se encontra na natureza, biótico e abiótico, no qual o ser humano interage. Dessa forma, o indivíduo, como parte atuante de seu meio, deve procurar maneiras de preservar seu lugar de vivência e evitar desequilíbrios com os demais seres vivos que nele existem.

De acordo o PCN Temas transversais: Meio Ambiente (BRASIL, 1998, p. 181):

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno — seu meio, sua comunidade — não é novidade. Ela vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil. Exemplo disso são atividades como os “estudos do meio”. Porém, a partir da década de 70, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, passou-se a adotar explicitamente a expressão “Educação Ambiental” para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamentais e não-governamentais por meio das quais se busca conscientizar setores da sociedade para as questões

ambientais. Um importante passo foi dado com a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência a ser garantida pelos governos federal, estaduais e municipais (artigo 225, § 1º, VI).

Não só o Brasil, como outras nações também estão engajadas em inserir e assegurar a educação ambiental nos currículos educacionais. Nesta perspectiva, os tratados e decisões internacionais acerca do tema educação ambiental, evidenciam a importância conferida por lideranças mundiais a essa temática como uma via indispensável na criação e aplicação de formas mais sustentáveis nas interações natureza e sociedade e nas soluções para problemas socioambientais. A educação, sozinha, não é suficiente para realizar todas as mudanças no planeta, mas é, sem dúvidas, um dos meios necessários para isso.

Destarte, a educação deve ser compreendida como uma operação em constante evolução, onde, através da coletividade, o sujeito tem a possibilidade de construir suas ações, modificando e agindo na sua realidade; logo, a educação é vista pela ótica da autogestão e da democracia, estimulando a criticidade e o diálogo entre os saberes científicos e culturais (ALMEIDA; COSTA e SILVA, 2012).

Constata-se, portanto, que o papel da educação ambiental nas aulas de campo se dá através das questões que são indispensáveis na consolidação de ambas; estas envolvem atores, concepções e interesses do mundo, com ênfase nas questões ambientais e sociais, direcionando o aluno na participação e no comprometimento dessas questões, em função da sua formação como cidadão e agente transformador da sua realidade.

2. MÉTODOS, ESTRATÉGIAS E ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DAS AULAS DE CAMPO

Para uma efetiva aula de campo, é necessário se empenhar na construção de um bom roteiro e numa metodologia eficaz e estimuladora, o que exige tempo dedicação do professor. A comunicação também indispensável, pois essas aulas também exigem atenção e empenho dos alunos. Considerando que o alunado do 6º ano do EF são pré-adolescentes com idades entre 11 e 12 anos, CAVASSAN E SENICIATO (2008, p. 124) indicam que é:

[...] na fase das operações formais que se segue (11 a 12 anos), a vida afetiva do adolescente afirma-se através da dupla conquista da personalidade e de sua inserção na sociedade adulta. [...] é fundamental no estágio em que se iniciam as primeiras estruturas racionais do pensamento, que se ofereçam aos jovens estudantes condições favoráveis para que a assimilação tenha o caráter mais racional possível, de modo a fornecer subsídios eficientes para os estágios posteriores, que são justamente aqueles nos quais o pensamento atinge sua forma mais elaborada, libertando-se da realidade concreta e apoiando-se em hipóteses e deduções para compreender a realidade.

Isso significa que esses indivíduos estão no processo de maturação das ideias, pois já compreendem e conseguem inferir no seu meio, momento este em que as aulas de campo podem possibilitar diálogos e aprendizados enriquecedores. Dessa maneira, é necessário organizar e planejar a divisão das etapas que compreendem o pré-campo, o campo e o pós-campo; sendo estes essenciais para que o aluno possa estabelecer relações entre prática e teoria.

É importante ressaltar, também, que os professores tenham em mente que podem ocorrer imprevistos durante o campo; mas é nesses imprevistos que se revelam as riquezas que ultrapassam o espaço escolar e o livro didático (de avaliações e planejamentos prévios), onde as aulas de campo abrem muitas possibilidades de pesquisa e estudos, e que posteriormente podem ser trabalhados no retorno à sala de aula (CRESTANI, FRICK e SILVEIRA, 2014).

Lembrando que o campo tem outras funções dentro da geografia, como construir dados, comprovar hipóteses e se deparar com novas descobertas; possibilitando durante este itinerário a construção de dados que serão de grande valia para esta área.

Muitos ainda mantêm o pensamento limitado de se referirem às aulas de campo como meros passeios, mas para DINIZ e VIVEIRO (2009), as aulas de campo não devem ser resumidas a passeios, pois elas são estratégias de ensino com muitas potencialidades; além de

possibilitarem a integração de diferentes componentes curriculares em todas as etapas de sua realização. Essas integrações podem ser realizadas através das diversas áreas do conhecimento como a cartografia e educação ambiental, que foram abordados nos capítulos anteriores (1.1 e 1.1.1), bem como outras, que também podem ser usados de acordo com as especificidades dos locais escolhidos e seus contextos espaciais.

Nota-se até aqui que as metodologias nas aulas de campo podem apresentar diversas finalidades, mas deve-se levar em conta, também, as etapas e estratégias que são necessárias para sua realização. Já se falou dos imprevistos, mas há outro fator que também pode inviabilizar as aulas de campo e esse fator é financeiro. Se o campo escolhido for próximo aos limites da escola ou na zona urbana do município, custos como transporte podem ser descartados, mas é necessário pensar nas aulas de campo como uma estratégia de ensino com muitas potencialidades, logo, se os locais escolhidos forem mais distantes, como na zona rural, o professor poderá pedir auxílio à administração escolar ou até mesmo para os órgãos governamentais do município. Para o PCN temas transversais: Pluralidade Cultural (BRASIL, 1998, p. 147-148):

Cabe ao professor, na criação de sua programação, e à escola, na decisão de seu projeto educativo, priorizarem tais conteúdos conforme a especificidade do trabalho a ser desenvolvido. É importante lembrar que o estreito vínculo entre os conteúdos selecionados e a realidade local, a partir mesmo das características culturais locais, faz com que este trabalho possa incluir e valorizar questões da comunidade imediata à escola

Superado esses obstáculos, o próximo passo é colocar em prática as etapas elaboradas no pré-campo, pois é preciso seguir alguns métodos que considerem suas preparações e execuções, logo, para orientações pedagógicas de grande relevância, algumas etapas devem ser seguidas; são elas: Definir objetivos; Escolha do local; Calendário; Recursos materiais; A busca da interdisciplinaridade; Contemplar outros aspectos e práticas e Informar e motivar os alunos (OTAVIANO e RODRIGUES, 2001).

É também no pré-campo que o professor deverá visitar e estudar, antecipadamente, o local desejado para as aulas de campo, a fim que se avalie se podem ser possíveis a realização destas aulas, com determinadas turmas. Depois da escolha, o professor deverá definir os objetivos da aula para o ensino-aprendizagem, bem como o recorte espaço-temporal, pois o roteiro da aula de campo deve estar de comum acordo com o período de aulas do aluno e se aprovado na ementa da disciplina, a excursão poderia ser realizada durante o período de aula, caso contrário, se flexibilizaria um horário pós-aula e que sua duração não ultrapassasse as 18h

da noite, haja visto que as aulas de campo devem ter uma duração mínima permitida que não coloque a segurança dos alunos em risco ou que desgaste suas energias.

Há também que se pensar, neste roteiro, as pequenas pausas para lanches ou atendimentos de necessidades básicas, vestimentas corretas e materiais a serem usados, onde os alunos poderão levar uma mochila com seus pertences pessoais, garrafas de água, lanches saudáveis, sacos plásticos para descartar o lixo de maneira correta, chapéis, protetores solares, material escolar (caderno e lápis) para anotações e esboços, mapas; e, se possível, também deverão ser levados câmeras fotográficas ou usar seus próprios smartphones, este último podendo ser utilizado, também, para saber suas localizações, utilizar geotecnologias disponíveis para esses dispositivos, aplicativos e programas cartográficos entre outras coisas.

Em campo, os alunos poderão utilizar tecnologias como o Google Earth, que permite a visualização da terra através de satélites; também poderão anotar o que observarem nestes locais e como eles têm em comum com seus dia-a-dias, realizar uma coleta de lixo, caso encontrem; plantar árvores, etc. As possibilidades em campo são muitas e o discente poderá realizar importantes feitos e descobertas durante esse itinerário. Os horários de chegada e saída devem ser definidos e respeitados, não podendo deixar nenhum integrante para trás sob qualquer alegação. Ao final da excursão, no pós-campo, o professor pode passar trabalhos para serem realizados em grupo, com todas as informações coletadas, valendo pontuação e servindo de base para possíveis avaliações com nota máxima, esta, sendo individual.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES DE GEOGRAFIA PARA AULAS DE CAMPO

Os parâmetros curriculares hoje servem como norteadoras e indispensáveis para o ensino-aprendizagem em todos os níveis de ensino. Em 1995, o Ministério da Educação (MEC) divulgou uma versão preliminar dos PCNs; dois anos depois, em 1997, publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª série e em 1998, de 5ª a 8ª série; com 10 volumes cada um. Em 2000 foi lançado os Parâmetros Curriculares os Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM); porém em 2006, um novo documento foi lançado com três volumes, contendo orientações curriculares para o Ensino Médio.

O atual currículo de Pernambuco tem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma referência imprescindível em sua elaboração; desta maneira, se apresenta como um recurso que integra as relações humanas a todos os requisitos que são essenciais para a vida em sociedade, estes sempre em busca de ofertar uma formação integral a todos os sujeitos em seu processo educativo, possibilitando aos professores e estudantes compreender diferentes dimensões do ser social e da vida.

A Geografia no currículo escolar é vivenciado a partir das unidades temáticas estruturantes, as quais se apresentam do 1º ao 9º ano; momento em que é possível ao estudante fazer leituras e interpretações do mundo. A cartografia, indispensável nas aulas de campo, perpassa as demais temáticas, pois o estudante é conduzido a um processo de educação cartográfica em sua leitura, construção e interpretação de mapas. Nos anos finais do ensino fundamental, as situações geográficas aprendidas nos anos iniciais são mais acentuadas. De acordo com a BNCC (2017, p. 381):

Considera-se que os estudantes precisam conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios, tendo como referência diferentes contextos sociais, geopolíticos e ambientais, por meio de conceitos como classe social, modo de vida, paisagem e elementos físico-naturais, que contribuem para uma aprendizagem mais significativa, estimulando o entendimento das abordagens complexas da realidade, incluindo a leitura de representações cartográficas e a elaboração de mapas e croquis.

Assim, no 6º do ensino fundamental, espera-se que o educando desenvolva algumas habilidades de determinados objetos de conhecimento geográfico. O currículo de Pernambuco (2013) apresenta em seu Organizador Curricular da disciplina de Geografia, destinada ao 6º ano, as Unidades Temáticas e nelas seus Objetos de Conhecimento e Habilidades esperadas em cada uma dessas unidades (Figura 1). Estas são imprescindíveis quando se trata de uma aula de campo e servem como base para as atividades propostas.

Figura 1: Organizador Curricular de Pernambuco, 6º ano, Disciplina de Geografia.

6º ANO		
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES PE
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural no espaço vivenciado	(EF06GE01PE) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos e espaços como resultante de interações entre os agentes naturais e humanos responsáveis pela produção e organização do espaço geográfico.
		(EF06GE02PE) Conhecer e analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários das diversas localidades, visando compreender as relações estabelecidas entre os diferentes agentes sociais que revelam formas e interesses distintos para utilização da natureza e organização da vida em sociedade.
Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE03PE) Descrever e compreender os principais movimentos do planeta Terra e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os diferentes padrões climáticos existentes no planeta.
		(EF06GE04PE) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal, reconhecendo as diferentes formas de utilização desse recurso como resultado do uso e os impactos provocados nos ambientes urbanos e rurais.
Mundo do trabalho	Transformação das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE05PE) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais nas diferentes zonas térmicas do planeta, como fruto da dinâmica entre os elementos naturais que compõem o espaço geográfico e que são responsáveis pela existência de diferentes paisagens do planeta.
		(EF06GE06PE) Identificar as principais características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, como resultado de interesses distintos e que refletem a dinâmica da sociedade e da economia, atendendo a lógica de um determinado modo de produção.
Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE07PE) Conhecer e explicar as mudanças na interação humana com a natureza e o surgimento das cidades a partir de necessidades e diferentes interesses, resultando nas formas distintas de organização socioespacial.
		(EF06GE08PE) Medir e relacionar distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas, identificando e compreendendo seus demais elementos (título, legenda, rosa-dos-ventos, fonte), coordenadas geográficas.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE09APE) Identificar e compreender os diversos fusos horários, caracterizando a variação das horas na superfície terrestre e suas implicações nos estudos cartográficos.
		(EF06GE09PE) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, inclusive para estudantes com necessidades educacionais específicas, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
	Atividades humanas e dinâmica climática	(EF06GE10PE) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de culturas, terraceamento, aterros, curvas de nível, etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição, etc.), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares, visando atender interesses distintos de diferentes formas de organização do espaço geográfico.
		(EF06GE11PE) Conhecer e analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo, resultantes do modelo capitalista.
		(EF06GE12PE) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso sustentável das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos e rurais.
		(EF06GE13PE) Conhecer, compreender e analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor, inversão térmica, efeito estufa, destruição da camada de ozônio, chuva ácida e alterações na amplitude térmica) como resultado da interação entre os agentes sociais e econômicos, buscando atender a diferentes interesses, tendo como consequências impactos socioambientais que influenciam a qualidade de vida.

Fonte: GOVERNO DE PERNAMBUCO – Secretaria Estadual de Educação, Currículo de Pernambuco para o Ensino Fundamental, 2019, p. 494-496.

Diante dessas unidades temáticas, nas aulas de campo, o alunado do 6º ano pode expandir seus conhecimentos sobre o conceito de lugar e espaço geográfico, e é dever do docente introduzir uma didática que perpassasse os livros didáticos e que estes sejam efetivos na ação educacional. Pensando no mundo contemporâneo em que estamos inseridos, o uso de Tecnologias de Informação e comunicação (TICs) por professores é essencial. E para que isso se torne efetivo, é necessário que o professor tenha domínios de tais tecnologias. Segundo os Parâmetros de Formação Docente, SEEPE (2013, p. 42):

A democratização da informação, aliada à inclusão digital, pode se tornar um marco dessa civilização. Contudo, é necessário que se diferencie informação de conhecimento. Com a criação de ambientes virtuais de aprendizagem, estudantes e professores têm a possibilidade de se relacionar trocando informações e experiências, presencialmente, no ambiente escolar, ou a distância. Cabe destacar que, na linha do que foi apontado, há nítida diferença entre informação e conhecimento. O papel do professor é crucial nessa mediação: trabalhar com informação e conhecimento no processo educacional.

No município de Tabira, os planejamentos pedagógicos feitos pelos professores raramente recorrem às aulas de campo, mas quando um professor decidir implantar esse método de aprendizagem, é indispensável recorrer aos parâmetros curriculares. Para o PCN Geografia (BRASIL, 1998, p. 27):

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação a essa etapa da escolaridade e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Assim, espaço deve ser o objeto central de estudo, e as categorias território, região, paisagem e lugar devem ser abordadas como seu desdobramento.

Desta maneira os assuntos abordados nas aulas de campo devem levar em consideração as capacidades dos alunos, nesse caso o 6º ano do EF, para que estes sejam capazes de entender seu meio. Os Parâmetros para a Educação Básica de Pernambuco em Geografia (PERNAMBUCO, 2013), apresentam eixos com as propostas curriculares destinadas a cada ano do ensino básico. Para o 6º ano, por exemplo, o documento entende como um ano no qual as expectativas de aprendizagem começam a ser abordadas pelas práticas de ensino, mesmo que não seja de forma sistemática, possibilitando aos estudantes que se familiarizem com os conhecimentos e com os conteúdos.

Dessa maneira, os conceitos e temas apresentados possibilitam um trabalho educacional mais rico, voltado para a análise das experiências dos alunos em sua realidade. Há um outro documento dos Parâmetros para Educação Básica do Estado de Pernambuco 2013, Parâmetros na Sala de Aula (PERNAMBUCO, 2013) que apresenta, em sua composição, os seguintes tópicos: **1:** Possibilidades metodológicas no ensino e na aprendizagem de geografia; **2:** Projetos de trabalho; **3:** Trabalho de campo; **4:** Diferentes fontes e linguagens em sala de aula; **5:** O estudo do lugar e das paisagens; **6:** O estudo da relação entre natureza e ação humana; **7:** o estudo das questões ambientais e **8:** linguagem gráfica e cartográfica. Nota-se, portanto, que esse documento apresenta as questões essenciais para a realização de uma aula de campo.

O tópico 3 que fala sobre trabalho de campo, apresenta que:

Observar, fazer registros, interrogar e analisar o meio circundante, o espaço vivido, é uma tarefa ímpar para os professores de Geografia. Sabemos que atividades de campo com tais objetivos podem facilitar o contato reflexivo do estudante com o seu entorno, possibilitando-lhe construir significações pessoais sobre o mundo, sobre o espaço, a ordem social e como a vida cotidiana se organiza. Daí a importância do professor de Geografia e de sua abertura para observar e analisar o contexto geográfico e social dos estudantes. É certo que para olhar a realidade, é preciso dispor de instrumentos para interpretá-la, pois a simples aparência do mundo não nos revela o que ele é. Existem outras realidades, outros acontecimentos, fatos e sentidos por detrás daquilo que nossos olhos conseguem captar. (PERNAMBUCO, 2013, p. 30-31)

O documento também apresenta notas importantes para a elaboração de um trabalho de campo, com informações essenciais para o antes, o durante e o depois, ou seja, em todos os seus processos. Ademais, o documento é um verdadeiro guia, sempre elucidando aspectos importantes dos tópicos e sugerindo metodologias para a sua efetivação.

Há também como desenvolver didáticas com os temas transversais de Pluralidade Cultural e Meio Ambiente para as aulas de Geografia. O PCN Pluralidade Cultural (BRASIL, 1998) aborda questões sobre diversidade cultural e superação de discriminações, seja ela qual for e esclarecendo a temática como necessária na aprendizagem e no exercício da cidadania. Já o PCN Temas transversais: Meio Ambiente (BRASIL, 1998, p. 193) aponta que:

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais os conteúdos de Meio Ambiente foram integrados às áreas, numa relação de transversalidade, de modo que impregne toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, crie uma visão global e abrangente da questão ambiental, visualizando os aspectos físicos e histórico-sociais, assim como as

articulações entre a escala local e planetária desses problemas. Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes.

Desta maneira, nota-se que os Parâmetros Curriculares são de suma importância para os estudos geográficos, os quais o docente pode e deve utilizá-lo como norteador em suas metodologias, afim de tornar o ensino-aprendizagem uma experiência significativa e transformadora.

2.1.1 A cartografia como integradora das aulas de campo

A cartografia é entendida como a área do conhecimento que busca analisar, estudar e produzir mapas, cartogramas, plantas, croquis e etc. O estudo da geografia, enquanto disciplina escolar, deve apresentar meios para se desenvolver nos alunos a alfabetização cartográfica, onde o discente terá a oportunidade de fazer a leitura do seu espaço, entendido como híbrido, ou seja, a relação entre os fenômenos antrópicos e físicos, que estão sempre em constante transformação. Logo, a cartografia é uma área indissociável da geografia e que, se bem trabalhado em sala de aula, poderá enriquecer significativamente as aulas de campo. Para CALLAI (2005, p 228-229):

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo.

Um dos produtos cartográficos mais familiares é o mapa, ele é conhecido em todos os lugares, principalmente no espaço escolar, através dos materiais da disciplina de geografia. Mas

a problemática da questão está justamente nessa familiaridade, o que gera uma certa limitação da grande variedade que a cartografia apresenta. Atualmente existem diversas tecnologias de fácil manuseio que podem ser utilizados pelos alunos na aplicação da cartografia nas aulas de campo. São produtos da cartografia moderna, aplicadas através das geotecnologias, que surgiram a um tempo e facilitam as atividades de catalogação, captação, tratamento e armazenamento de dados geográficos, bem como os sistemas de informação geográfica, sensoriamento remoto, *Global Position System* (GPS) e cartografia digital. Tais tecnologias estão transformando o espaço escolar, possibilitando aprendizagens de mapas interativos e digitais (TÔSTO et al., 2014).

Dessa maneira, o professor, enquanto mediador, deve procurar sensibilizar e motivar seus alunos a entender a dinâmica dos espaços em que estão inseridos, em seus mais diversos aspectos geográficos, sempre levando em conta o grau de abstração que suas idades permitem. Para OLIVEIRA (2007), os mapas se constituem como um recurso metodológico de muita valia, levando em conta que não é meramente um recurso visual, onde o professor precisa dispor para lecionar ou para que o discente tenha domínio dos conteúdos cartográficos e geográficos, mas também como um recurso de comunicação, se configurando como uma linguagem que possibilita ao discente expressar um conjunto de representações alternativas variáveis em seu espaço e que permitam suas manipulações na resolução de problemas e na tomada de decisões.

Posto isso, nas aulas de campo para o 6º ano do EF, com a utilização de técnicas digitais de geoprocessamento, os mapas são gerados de maneira instantânea. Um satélite, por exemplo, registra imagens da área escolhida, que são enviadas para o centro de processamento, inserindo essas imagens em *sistemas de informação geográfica* (SIG) e posteriormente processando os dados (geoinformação) desejados para o mapa. Feita a checagem, poderá ser impresso ou trabalhado através do tablete, computador, celular e outros.

Para MATOS et al. (2011, p. 9):

Para se trabalhar com a cartografia no ensino fundamental é de suma importância a caracterização dos fenômenos estudados e serem representados em diferentes escalas, lembrando de relacionar sempre com os lugares mais próximos do aluno, dando ênfase às representações em escala grandes com maiores detalhes, e nessa produção fazer exercícios na construção e leitura de mapas.

Assim sendo, a cartografia é um recurso indispensável para o ensino e a pesquisa, com diferentes representações de recortes do espaço. Este estudo pode oferecer várias representações

dos lugares do mundo, tais como os fenômenos sociais e naturais que podem ser pesquisados de maneira sintética e analítica. É preciso ensinar aos alunos a produzirem análises dos fenômenos, de acordo com a temática dos mapas, que podem ser sobre vegetação, solo, clima, relevo, densidade demográfica etc., realizando analogias entre os fenômenos citados, na construção de sínteses significativas.

Dessa maneira, fica evidente que a abordagem espacial através dos recursos midiáticos e tecnológicos são de grande relevância para os estudos geográficos. Porém, muitos docentes não dão a importância merecida, por acreditarem que estes conhecimentos podem ser concebidos nas experiências do dia a dia. Conseguir identificar sua localização em determinado espaço, como em seu bairro, município ou cidade, seguindo direções, indicando rotas, são de fato tarefas em que os alunos são capazes de aprender no cotidiano; porém é imprescindível que a escola propicie atividades que desenvolvam melhor os conhecimentos espaciais dos alunos, para que estes possam ter um melhor entendimento e mais facilidade na leitura de mapas.

Para se realizar essas leituras, é preciso desenvolver com os alunos as noções de escala e proporção; orientação espacial; visão vertical e horizontal; estruturação da legenda; alfabeto cartográfico (polígono, linha e pontos) que podem ser realizados com ajuda de mapas digitais, fotografias e imagens aéreas. Para FRANCISCHETT (2004, p. 7):

É possível perceber que o estudo da linguagem cartográfica vem, cada vez mais, reafirmando sua importância desde o início da escolaridade. Ele contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. Os alunos precisam ser preparados para que construam conhecimentos fundamentais sobre essa linguagem, como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores.

Destarte, os conhecimentos obtidos em sala de aula deverão ser trabalhados de modo que não se limitem somente a ela, mas que também sejam produzidos conhecimentos úteis para suas vidas sociais. Nas aulas de campo, a cartografia servirá como uma das etapas mais importantes da sua realização, provocando mudanças, sobretudo, aos que estão dispostos aos desafios de ultrapassar as fronteiras entre as disciplinas e superar as barreiras entre os aspectos teóricos e práticos.

3. CONHECENDO O ESPAÇO ESTUDADO

As aulas de campo são estratégias de ensino que possibilitam que os alunos conheçam melhor sua realidade; dessa forma, é imprescindível conhecer o local que será realizado os estudos da aula de campo e entender suas dinâmicas; logo, a saber, Tabira é um pequeno município do sertão de Pernambuco, com características típicas do semiárido. Não muito difícil, nas mídias e no senso comum, a visão estereotipada do Nordeste como uma região pobre, seca e economicamente frágil é muito revoltante, isso porque quem vive a realidade desse espaço, sabe que essa não é somente uma visão errônea, como também ultrapassada.

Tabira, por exemplo, possui uma cultura riquíssima, com poetas e poetisas, o qual possui a Associação dos poetas e prosadores de Tabira (APPTA), realizando muitas apresentações e atraindo um público considerável; tem também a comemoração da emancipação da cidade; as eleições políticas acirradas; festejos de todo tipo; uma economia típica das cidades pequenas e relações sociais estreitas. Um marco recente (2020), sobre a região e não menos importante, é que ao entrar na cidade, encontra-se uma estátua em tamanho real de um boi e uma placa para identificar o título com seguintes dizeres: “*Cidade da Maior Feira de Gado de Pernambuco*”, outro motivo de orgulho e uma das sustentadoras da cultura Tabirense.

GOMES (2003, p. 11) aponta que:

O fato do município de Tabira localizar-se no semi-árido nordestino, permeado por pobreza econômica de causas diversas, não se configura como um empecilho ao programa de Desenvolvimento Sustentável. Mas este fator representa apenas um desafio a ser enfrentado e que pode ser superado quando a população toma para si a responsabilidade dos destinos do município.

Esse fragmento foi retirado da dissertação da autora, apresentado ao mestrado profissional em gestão pública para o Desenvolvimento do Nordeste, como requisito à obtenção do título de mestre em gestão pública para o Desenvolvimento do Nordeste, sob a orientação do prof. Dr. Jorge Alexandre Barbosa Neves. Sineide (*in memoriam*) era uma das geógrafas mais notórias de Tabira, com muitos feitos para a educação do município e inclusive foi secretária municipal de educação por duas gestões; essa sua dissertação contém informações importantes do município e é, sem dúvidas, um exemplo e uma inspiração para as questões voltadas para o desenvolvimento e para valorização do lugar de vivência.

Tabira possui lugares muito interessante e uma dinâmica cultural típica das pequenas cidades do interior. Desta maneira, há lugares excepcionais para as aulas de campo, que serão melhor abordadas no tópico 3.1.1.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE TABIRA-PE

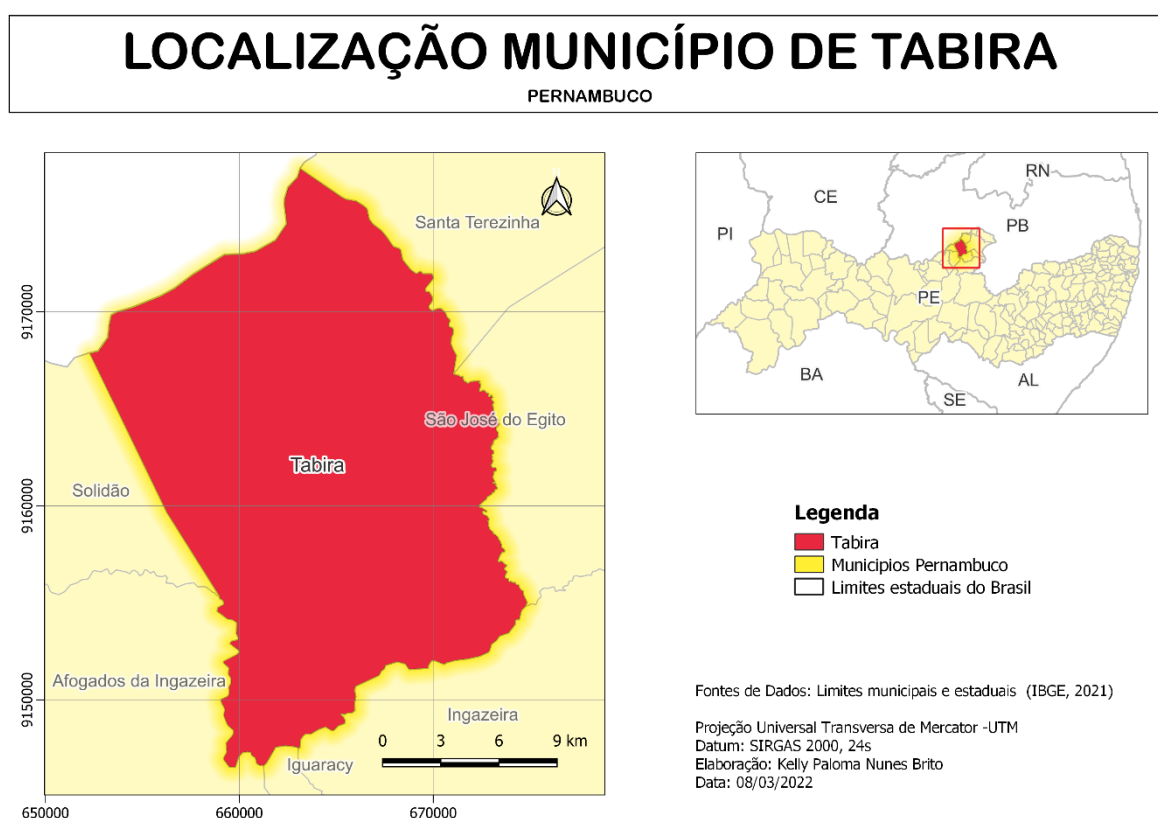
Em 1865, Tabira era uma fazenda pertencente ao Sr. Gonçalo Gomes dos Santos, que por própria iniciativa, iniciou uma pequena feira que tinha como objetivo principal atender os moradores da região. Assim, o sucesso foi tanto que a partir disso iniciou-se um povoado ali, que recebeu o nome de Toco do Gonçalo; o nome originou-se a partir de um toco para talhar carnes, que ficava no centro da feira; seguidamente foi nomeado de Espírito Santo até o ano de 1939 e, por fim, de Tabira, seu nome atual. Esse nome foi escolhido, segundo a lenda, em homenagem a um Indígena e grande guerreiro que mesmo sendo atingido no olho por uma flecha envenenada, continuou lutando bravamente contra os seus inimigos até a vitória. A primeira capela de Tabira foi inaugurada em 3 de setembro de 1883, ocorrendo uma missa solene realizada pelo Padre Pereira de Souza, sendo, posteriormente, substituída pela Igreja Matriz, construída pelos próprios moradores locais na propriedade doada de Sr. Gonçalo Gomes, o qual tem a praça principal com seu nome, em sua homenagem. Segundo registros, em 27 de maio de 1949 foi eleito o primeiro prefeito da cidade, chamado de Pedro Pires Ferreira o qual tem, também, uma praça e uma escola em sua homenagem. A atual prefeita da cidade é Maria Claudenice Pereira de Melo Cristovão (2021-2024), pelo partido MDB.

A base econômica de Tabira centra-se nas organizações rurais que foram evoluindo com o passar dos anos, visto que antes tinham apenas caráter sindical e hoje em dia assumem um perfil que antigamente eram das cooperativas agrícolas mistas, que foram desenvolvidas com finalidades de produção, pois faltava apoio e capacitações aos agricultores da época.

A relação de produção e reprodução de Tabira, é destacado com a economia que tem como atividades principais a agropecuária. Na agricultura, destacam-se o cultivo das lavouras temporárias de algodão herbáceo, batata doce, cana de açúcar, feijão, mandioca, milho e tomate e como lavoura permanente a produção de castanha de caju, sisal ou agave, banana, goiaba, laranja, limão e manga.

A relação histórica do município com o que o cerca, é explicado por ele se localizar na Macrorregião do Sertão de Pernambuco (imagem 1) e na Microrregião do alto Pajeú, sua área territorial é de 388,005 km², limita-se ao Norte com o estado da Paraíba e a cidade de Santa Terezinha, ao Sul com a cidades de Iguaracy e Ingazeira, ao Leste com a cidade de Santa Terezinha e São José do Egito e ao Oeste com a cidade de Afogados da Ingazeira e Solidão. Quando o distrito foi emancipado politicamente, ou seja: quando foi desmembrado da cidade de Afogados da Ingazeira, que era formado de 07 distritos, ficaram com os distritos de: Tuparetama, Ingazeira, Solidão (hoje, também da categoria de cidade). Tem hoje o distrito sede (que é a cidade) e os Povoados de Campos Novos, Brejinho e Borborema.

Imagem 1: Mapa da localização do Município de Tabira em Pernambuco



Fonte: Elaborado pela autora. Localização Município de Tabira: Pernambuco. Tabira, Qgis, 2022. Mapa de localização. 1: 300 000

O papel do município no contexto local, estadual e nacional se dá pela cultura que este traz; além da sua composição para o panorama que constitui um dos 185 municípios do estado de Pernambuco. Tabira foi formada e transformada em consonância com o cenário nacional. Algumas das transformações ocorridas em tabira ao longo desses 73 anos, se configura como

qualquer outro município em desenvolvimento, com a criação de cartórios, fóruns, prefeitura, igreja e demais componentes urbanos.

A extensão de Tabira nunca foi a mesma, de acordo com o último censo do IBGE (2010) o número populacional era de 26.427 e no ano de 2017 subiu para 28.301 e atual estimativa (2021) é de 28.860, deste modo Tabira continua a crescer extensivamente. O desmembramento de tabira do município de Afogados da Ingazeira, ocorreu no 31 de dezembro de 1948, porém, sua constituição autônoma como município só foi possível através da lei nº 508, promulgada no 27 de maio de 1949, data a qual se comemora a emancipação política do município coincidindo com a primeira instalação constitucional do município de Tabira.

As feições geológicas do município são compostas quase que totalmente de terrenos metamórficos e ígneos do período Pré-Cambriano. Geomorfologicamente o local é caracterizada por maciços residuais, planícies, inselbergs e depressões, altitudes e planaltos. A grande maioria das terras tem grandes altitudes, mas a maior delas fica no sítio Muriçoca, possuindo uma altitude de 885 metros e fica nos limites com a Paraíba. O município está a, aproximadamente, 588 m de altitude com relação ao nível do Mar, com posição geográfica de -7° 35 27.6 de latitude e -37 32 20.4 de longitude. Tabira possui muitas potencialidades e o que se espera nesse novo cenário é profissionais e estudantes engajados em transformar sua realidade através da educação.

3.1.1 Análise dos pontos turísticos-culturais e sua importância cultural, histórica, social e econômica

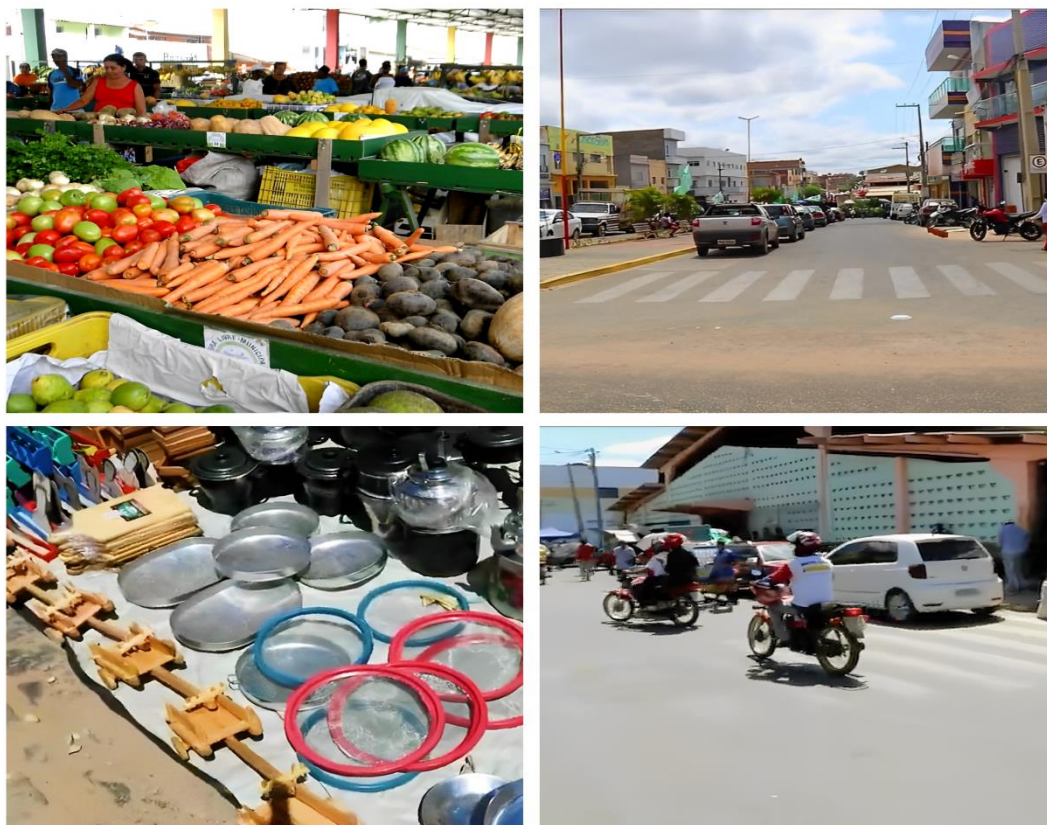
● Feira Livre Municipal:

Como apontado no tópico 3.1 deste trabalho, Tabira era, inicialmente, uma fazenda e seu proprietário, à época, e por iniciativa própria, começou uma pequena feira que foi atraindo moradores locais e dos arredores. Essa feira (figura 1), ao longo dos anos, foi se desenvolvendo junto com a cidade. Atualmente ela é realizada às quartas, no centro da cidade, onde se concentra a maioria do Comércio do município. É considerada uma das maiores da região, onde é comercializado ao ar livre, em tendas ou sobre plásticos estendidos no chão, diversos segmentos que vão do vestuário ao alimentício, artigos em geral etc.

Para aulas de campo, poderiam ser abordados temas como urbanismo e dinâmicas populacionais; pois Tabira atrai compradores e revendedores de todas as regiões próximas e possui aspectos típicos das feiras livres realizadas em pequenos municípios, tais como serviços de mototáxi; pontos de transporte para moradores de outros municípios ou da zona rural; nesse tipo de serviço, o carro modelo Chevrolet D20 é um dos transportes mais utilizados e é conhecido como “lotação”, pois muitas vezes só realiza o transporte quando, de fato, está lotado. Os alunos durante a aula de campo poderiam tirar fotos e observar as dinâmicas comerciais, isso, aliados aos conhecimentos prévios obtidos no pré-campo. Dessa maneira, a feira livre municipal é um lugar que possibilita observar e se trabalhar conteúdos sobre as dinâmicas urbanistas, populacionais, econômicas e culturais. As habilidades curriculares que podem ser introduzidas, se encontram no código (EF06GE07PE) que busca:

“Conhecer e explicar as mudanças na interação humana com a natureza e o surgimento das cidades a partir de necessidades e diferentes interesses, resultando nas formas distintas de organização socioespacial.” (Governo de Pernambuco, 2019)

Figura 1: Feira Livre Municipal de Tabira-PE



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

● Curral do Gado:

O Curral do Gado (figura 2) é uma rua da cidade que concentra a feira de gado e, como citado no tópico 3, é conhecida como a maior de Pernambuco. Tem a mesma dinâmica da feira municipal, já que também é realizado às quartas e atrai diversos comerciantes do ramo, na venda, troca e compra de caprinos e bovinos. Se localiza na saída da cidade, sentido Santa Terezinha-PE/São José do Egito-PE e é de fácil acesso.

Para realização das aulas de campo, o local possibilita abordagens de conteúdos de geografia populacional, regional e dinâmicas pecuárias. As informações colhidas podem ser obtidas através de fotos, observação, anotações e entrevistas para entender as atividades culturais e econômicas que lá ocorrem. No pós-campo, as informações e as aprendizagens obtidas abrem margem para debates e estudos muito significativos. As habilidades do currículo de Pernambuco que podem ser estudadas neste local se encontram no código (EF06GE06PE) que busca:

“Identificar as principais características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, como resultado de interesses distintos e que refletem a dinâmica da sociedade e da economia, atendendo a lógica de um determinado modo de produção” (Governo de Pernambuco, 2019)

Figura 2: Feira de Gado de Tabira-PE



Fonte: Magno Martins, 2020.

● Santuário Paroquial Mãe Rainha E Divina Misericórdia

O Santuário paroquial (figura 3), também conhecido como “Cruzeiro”, é um anexo da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios de Tabira-PE (Igreja Matriz) da Diocese de Afogados da Ingazeira-PE (município vizinho). Este espaço possui uma arquitetura belíssima e foi forjado numa área com acentuado declive, o qual permite sua visualização ao longe e acesso pela PE-320, sentido São José do Egito-PE/Santa Terezinha-PE. Historicamente, seu fundador foi o padre Mário Costalunga e projetado pelo arquiteto Espedito Arruda Pires e pelo Engenheiro José André Bezerra de Araújo; tendo como construtor Marcos Antônio Oliveira da Silva. É um local bastante visitado e um grande diferencial no município. Como é um espaço religioso e católico, fica a critério do professor fazer um levantamento sobre as crenças dos alunos e se estes estão de acordo com a escolha do local; levando em consideração que o Brasil é considerado um estado laico, e, portanto, o respeito à pluralidade deve sempre prevalecer. Assim, os conteúdos que podem ser abordados lá são sobre Antropologia, Geografia Cultural, Geografia Humana e Cartografia. No currículo de Pernambuco, a habilidade que pode ser estudada nesse local se encontra no código (EF06GE01PE), que espera que o aluno possa:

“Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos e espaços como resultante de interações entre os agentes naturais e humanos responsáveis pela produção e organização do espaço geográfico.”
(Governo de Pernambuco, 2019)

Figura 3: Santuário Paroquial Mãe Rainha e Divina Misericórdia



Fonte: Luís André Araújo, 2019

● Cachoeira Maria Mendes:

A Cachoeira Maria Mendes (figura 4) é uma área natural que fica localizado na zona rural do município, no Sítio Cachoeira, há 10 km da zona urbana. Através das dinâmicas geomorfológicas, o brusco desnível no leito fluvial possibilita uma queda d'água de aproximadamente 10m, compondo uma visão natural espetacular; desta maneira, a cachoeira em época de elevadas pluviosidades, atrai muitas pessoas do município e das redondezas para aproveitarem desse recurso natural como forma de lazer e para contemplar as belezas que lá existem.

A formação rochosa também atrai pelas formas desregulares e erosivas, formadas através dos processos de intemperismo físico e químico. Isto posto, os assuntos que podem ser trabalhados nesse local são geomorfologia, hidrogeografia, climatologia e cartografia, possibilitando experiências e aprendizagens riquíssimas. As habilidades curriculares que podem ser estudadas, se encontram no código (EF06GE04PE) e espera que o aluno possa:

“Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal, reconhecendo as diferentes formas de utilização desse recurso como resultado do uso e os impactos provocados nos ambientes urbanos e rurais.” (Governo de Pernambuco, 2019)

Figura 4: Cachoeira Maria Mendes



Fonte: Paraísos do Sertão, 2015

● Poço Escrito:

O poço escrito (figura 5) é um sítio arqueológico que fica próximo à cidade; podendo traçar o caminho a pé, caso deseje. Seu nome se deve às inscrições rupestres encontradas em algumas rochas do local, acredita-se que essas inscrições foram feitas pelos Indígenas tabajaras que lá habitavam, mas até hoje ninguém conseguiu desvendá-las.

As dinâmicas geomorfológicas e as intempéries moldaram o local, que hoje atrai olhares admirado dos amantes da natureza. Há algum tempo, um grupo de jovens se mobilizaram para revitalizar o poço escrito, usando as redes sociais para divulgar suas ideias e pretensões através do WhatsApp e Instagram, nomeando o projeto de “SOS Poço Escrito”. Há, também, uma petição publicada por esse grupo no *change.org*; nela, eles alegam a importância histórica e sociocultural do local e que “o mesmo tem conhecimento nacional pelo IPHAN e estadual pelo FUNDARPE, mas atualmente uma só palavra resume a situação do local: abandono” (SOS Poço Escrito, 2020).

Foi um projeto inovador e muito empenhado, mas que possivelmente (e infelizmente) não teve o apoio necessário. Nota-se, portanto, que o Poço Escrito é um local com inestimável valor cultural e ambiental, na qual as Aulas de Campo se fazem muito necessárias. Desta maneira, os assuntos que podem ser abordados são Antropologia, Geomorfologia e Cartografia; levando em conta sua importância histórica, cultural e ambiental. A habilidade do currículo de Pernambuco que pode ser estudada nesse ambiente, se encontra no código (EF06GE05PE) que espera que o aluno possa:

“Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais nas diferentes zonas térmicas do planeta, como fruto da dinâmica entre os elementos naturais que compõem o espaço geográfico e que são responsáveis pela existência de diferentes paisagens do planeta” (Governo de Pernambuco, 2019).

E também no código (EF06GE02PE) onde o aluno possa:

“Conhecer e analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários das diversas localidades, visando compreender as relações estabelecidas entre os diferentes agentes sociais que revelam formas e interesses distintos para utilização da natureza e organização da vida em sociedade.”

Figura 5: Sítio Arqueológico Poço Escrito



Fonte: SOS Poço Escrito, 2020.

CONCLUSÃO

Foi possível, através deste estudo, analisar como as aulas de campo são importantes para o ensino-aprendizagem e que o meio em que os alunos estão inseridos possibilitam conhecimentos e experiências riquíssimas através de um bom planejamento e da utilização de conteúdos essenciais como conhecimentos cartográficos, educação ambiental e parâmetros curriculares, os quais contemplam conteúdos e discussões que facilitarão a compreensão da importância das aulas de campo de geografia, considerando que estes conteúdos são didáticos e buscam auxiliar alunos e professores na construção de conhecimento e experiências significativas.

As aulas de campo são necessárias para o ensino da geografia pois oportunizam que os alunos conheçam melhor sua realidade e possam nelas produzir conhecimentos científicos que poderão não só beneficiar seus aprendizados, como também a área estudada e a comunidade em que o abrange. Desta maneira, se faz necessário a análise metodológica de alguns pontos turísticos-culturais do município, para evidenciar a sua importância para o ensino-aprendizagem dos alunos do 6º ano do EF.

Decerto existem outros lugares interessantes para realização das aulas de campo no município, mas o projeto objetivou esclarecer a importância de cinco deles, os quais abre possibilidades para uma educação contextualizada e de muitas descobertas na área da geografia. Desta maneira, espera-se que este estudo contribua para que professores e instituições que necessitem de um norte, possam usar este trabalho para usar estas áreas em aulas de campo e que com isso venham a contribuir para um estudo pautado na cultura e no desenvolvimento intelectual e ambiental dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R; ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 51-67, 2006.

ALMEIDA, E. A.; COSTA, A. P. L.; SILVA, L. O. **Educação Ambiental: O Despertar de uma Proposta Crítica para A Formação do Sujeito Ecológico.** Holos (Natal. Online), v. 1, p. 110-123, 2012.

ARAÚJO, R. L.; SANTOS, F. J. S. **Educação Contextualizada no Semiárido: O que a Geografia Tem a ver com Isso?** Rev. Geociência. Nordeste, Caicó, v.6, n.2, p.178-185, 2020.

BARBOSA, M. E. S.; NETO, F. O. L. **O Ensino de Geografia na Educação Básica: Uma Análise da Relação Entre a Formação Do Docente e Sua Atuação Na Geografia Escolar.** Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 1, p. 160-179, 2010.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Geografia Cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: Eduerj, p. 239-244, 2012.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Geografia / Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental.** – Brasília: / MEC/ SEF, 156p, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Temas Transversais: Meio Ambiente.** / MEC/ SEF. Vol. 10.3 – Brasília. p. 167-242, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Temas Transversais: Pluralidade Cultural.** /MEC/ SEF. Vol. 10.2 – Brasília. p. 115-166, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CAVALCANTI; L. S. **A geografia e a realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais- Belo Horizonte, novembro de 2010.

CAVASSAN, O.; SENICIATO, T. **Afetividade, motivação e construção de conhecimento científico nas aulas de campo desenvolvidas em ambientes naturais**. Ciências & Cognição (UFRJ), v. 13, p. 120-136, 2008.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. **A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola**. Geografia (Londrina), v. 20, p. 99-114, 2011.

CRESTANI, D. M; FRICK, E. C. L; SILVEIRA, R. M. P. **Aula de Campo como Prática Pedagógica no Ensino de Geografia para o Ensino Fundamental: Proposta Metodológica e Estudo de Caso**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 4, p. 125-142, 2014.

DINIZ, R. E. S.; VIVEIRO, A. A. **Atividades de Campo no Ensino das Ciências e na Educação Ambiental: Refletindo Sobre as Potencialidades Desta Estratégia na Prática Escolar**. Ciência em Tela, v. 2, p. 1-12, 2009.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004.

GOMES, Sineide de Lima. **CAPITAL SOCIAL E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: A EXPERIÊNCIA DE TABIRA-PE**. 2003; Dissertação (Mestrado em GESTÃO PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE) - Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7863/1/arquivo7957_1.pdf. Acesso em: 29 de outubro de 2021

GOVERNO DE PERNAMBUCO – Secretaria Estadual de Educação, **Currículo de Pernambuco para o Ensino Fundamental**. 2019. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/17691/CURRICULO%20DE%20PERNAMBUCO%20-%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf> acesso em: 15 de novembro de 2021.

IBGE. Cidades- TABIRA-PE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/tabira> Acesso em: 09 de novembro de 2021.

LACOSTE, Yves. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.

MATOS, A. L.; PEDROTTI, A.; SANTANA, A. P. S.; SANTOS, C. **A cartografia e o ensino de geografia**. Revista Geográfica de América Central (Online), v. 02, p. 01-15, 2011.

NARCIZO, K. R. S. **Uma análise sobre a Importância de Trabalhar Educação Ambiental nas Escolas**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 22, p. 86-94, 2009.

OTAVIANO, C. A.; RODRIGUES, A. B. **Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia**. Geografia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, 2001.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. In: ALMEIDA, R. D. de. (Org.) Cartografia Escolar. São Paulo: Contexto, p. 15-41, 2007.

PERNAMBUCO. Secretaria Estadual de Educação. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco - Parâmetros Curriculares de Geografia - Ensino Fundamental e Médio**. Recife – PE. 66p, 2013.

_____. Secretaria Estadual de Educação. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco - Parâmetros na sala de Aula. Geografia - Ensino Fundamental e Médio.** Recife – PE. 120p, 2013.

RUSCHEINSKY, Aloísio; COSTA, Adriane Lobo. **A Educação Ambiental a partir de Paulo Freire.** IN: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). Educação Ambiental: abordagens múltiplas. 2 ed., rev. e ampl. - Porto Alegre: Penso, p. 93-114, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/gyI79 Acesso em: 25 de outubro de 2021

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** 4 ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SEEPE. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco- Parâmetros para a formação Docente- Ciências Humanas.** Vol 2. SEEPE, 2013.

SOS Poço Escrito. **Change.org**, 2020. Revitalização do sítio arqueológico POÇO ESCRITO, TabiraPE – Petição ao Ministério Público. Disponível em: <https://www.change.org/p/minist%C3%A9rio-p%C3%BAblico-revitaliza%C3%A7%C3%A3o-do-s%C3%ADtio-arqueol%C3%B3gico-po%C3%A7o-escrito-tabirape-peti%C3%A7%C3%A3o-ao-minist%C3%A9rio-p%C3%BAblico> Acesso em: 20 de Nov. de 2021.

TÔSTO, Sérgio Gomes et al. **Geotecnologias e geoinformação: o produtor pergunta, a Embrapa responde.** Brasília: Embrapa, 2014.